

I. ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO

Tatiane de Jesus Chates

Doutoranda em História (U.PORTO)

tatichates@gmail.com

Resumo: Esta comunicação pretende apontar algumas possibilidades de investigação, relacionadas com o inexplorado acervo das ordens religiosas femininas que foram extintas em Portugal ao longo do século XIX. Tendo um fim diferenciado em comparação com as ordens religiosas masculinas, que foram sumariamente extintas a partir do decreto promulgado em 1834, as ordens religiosas femininas foram encerrando aos poucos, à medida em que suas últimas freiras/monjas iam morrendo. Quiçá em função deste “fim” que se prolongou por quase um século, o acervo de tais ordens religiosas foi dispersamente reunido. A análise das práticas conventuais, do perfil socioeconômico das freiras, dos seus níveis de letramento, das mensagens que redigiam, das diferenças existentes entre as mais diversas ordens religiosas são alguns dos caminhos sugeridos. A história das mulheres, campo da historiografia contemporânea, lança mão de exemplos de mulheres que se tornaram intelectuais no cotidiano dos conventos. Ao resgatar a história dos mosteiros/conventos femininos portugueses, se espera uma maior visibilidade destas mulheres, ainda que silenciosamente se portassem.

Palavras-chave: História de Portugal. Século XIX. Acervo das ordens religiosas femininas extintas.

1.1. INTRODUÇÃO

Estudar os mosteiros\conventos femininos em Portugal não é uma atividade nova. Dotada de um grande acervo eclesiástico, a paisagem lusitana inspirou\ a muitos\as escritores\as, desde as mais remotas gerações. Exemplos não faltam entre os\as cronistas conventuais, cujo testemunho sobrevive até à atualidade. Crônicas relativas ao reinado de Afonso Henriques permanecem guardadas no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a lembrar das grandezas do país ora em formação. A atividade da escrita, associada por sua vez às freiras e às monjas permite contrapor outros paradigmas consolidados. Se é verdade que muitas feiticeiras eram mulheres, muitas

freiras também o foram. Pensar história da ciência, história da leitura, história da religião sem a devida correspondência com a história das mulheres denotaria uma tarefa no mínimo temerária.

1.2. O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS E O CENÁRIO OITOCENTISTA PORTUGUÊS

As origens da extinção das ordens religiosas podem ser encontradas no período anterior ao século XIX, nas ações de expulsão jesuítica perpetradas pelo Marquês de Pombal (Ramos, 2007, p. 35; Dias, 2007, p. 55). Neste contexto, a *Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares*, criada para ser comissão temporária em 1789, direcionou-se mais para questões individuais do que para a resolução dos problemas estruturais das ordens religiosas portuguesas. Sua existência se encerrou em finais de 1829 por ordem de D. Miguel, foi restaurada em agosto de 1833 por D. Pedro IV e interrompida definitivamente em 10 de outubro de 1834. A racionalização de recursos, a contenção nos gastos, o equilíbrio entre o número de casas e o número de religiosos\as, a moralização de hábitos e o respeito por compromissos sociais assumidos, especialmente em relação à reestruturação do ensino, foram alguns de seus objetivos (Abreu, 2004). A extinção das ordens religiosas teve como uma das balizas temporais a publicação dos decretos de agosto de 1833 e de maio de 1834, no primeiro caso com a proibição dos noviciados e no segundo caso com o encerramento sumário das ordens religiosas regulares masculinas e com o encerramento paulatino das ordens religiosas regulares femininas, a ocorrer à medida em que fossem morrendo as últimas monjas\freiras dos mosteiros\conventos.

A transferência de livros das bibliotecas conventuais para as bibliotecas públicas não representou apenas a secularização de bens eclesiásticos, simbolizou uma mudança de paradigmas, dos signos sob as quais estava submersa a sociedade

portuguesa, nos estertores do Antigo Regime. Para arrecadação e inventariação das livrarias conventuais, o Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (DLEC) foi criado com esta finalidade (Barata, 2011). O longo processo que resultou na fusão entre este órgão e a Biblioteca Nacional de Lisboa, consoante a constituição de uma comissão independente no Porto, responsável também pelo surgimento da Biblioteca Pública do Porto, descortina as histórias que ainda precisam ser contadas, como o processo de arrecadação das livrarias dos conventos femininos, ocorrido entre 1887 e 1906 (Barata, 2003, p. 143). Para efeito ilustrativo, as religiosas do Mosteiro de São Bento de Avé-Maria possuíam, em sua quase totalidade, obras religiosas em suas celas (Loureiro, 1994, p. 64)

Poucos são os trabalhos que lançam luzes sobre o destino de religiosos\as após os decretos de 1833 e de 1834. Como exemplo, o cotidiano dos frades egressos das ordens regulares residentes no Alto Minho do século XIX se voltou para a dedicação ao ensino doméstico, ministrado em suas próprias casas, ou para a dedicação ao funcionalismo público, muitos tendo sido aí absorvidos, na faixa etária dos 21 aos 25 anos, instrumentalizando portanto os ganhos culturais que os concelhos receptores tiveram, ao ter sua vida sócio-econômica incrementada por profissionais tão qualificados (Rodrigues, 2004). O exílio imposto ao Fr. José da Sacra Família, em virtude de suas relações com D. Miguel, também permite pensar alguns destes destinos (Marques, 2007, p. 79). Dada a clandestinidade associada ao funcionamento de muitas destas ordens religiosas, os governadores civis dos distritos foram convocados para informar a existência de “instituições religiosas de ordens regulares”, registros posteriormente enquadrados em um formulário específico. Hintze Ribeiro fez o levantamento de 56 associações religiosas entre 1901 e 1910, oficialmente publicadas no *Diário de Governo*. O objetivo maior seria a secularização das congregações, no bojo das repercussões do caso Calmon (Villares, 1995).

Outros trabalhos analisam os meandros políticos do século XIX. O posicionamento político do padre Marcos, como um romântico injustiçado por escolher o caminho do diálogo entre clericalismo e liberalismo político, termo preferível ao liberalismo filosófico e\ou tolerância teológica, incompatíveis com as práticas cristãs.

Tendo vivenciado o período romântico de despertar das nações europeias, o padre Marcos teria sido um aliado de D. Pedro IV e contribuído para a publicação dos decretos de agosto de 1833, que proibiam os noviciados. A situação de penúria em que viviam muitas ordens regulares aparecia frequentemente como justificativa para a aprovação de diversos setores da Igreja às medidas de austeridade econômica. Esta é uma das leituras possíveis que permite entender a instalação da *Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramneto Temporal das Ordens Regulares* em 1789 (CARROMEU, 2007-2008). Para a compreensão do panorama político no século XIX, se faz necessária a utilização de periódicos. De existência efêmera (1820-1823), o jornal *Astro da Lusitânia* conseguiu reunir as ambiguidades e os conflitos da sociedade portuguesa, e da sociedade portuense em especial. As contestações ao poder eclesiástico abundavam no contexto de agravamento da situação econômica do país. A necessária liberdade de opinião e de imprensa afirmava-se como condição premente para a sobrevivência do jornal. A progressiva secularização das ordens religiosas adviria da visualização dos malefícios proporcionados ao Reino tanto pelas Ordens Religiosas quanto pela Inquisição e pela Intolerância Religiosa. No jornal *Astro da Lusitânia*, não é, contudo, colocada em xeque a religião católica (Pinheiro, 2004). A análise do panorama político no século XIX através de periódicos também pode ser feita através do inventário da imprensa católica entre 1820 e 1910 (Azevedo e Ramos, 1991). A imprensa periódica oitocentista proporcionou ainda uma maior visibilidade das lutas das mulheres. Uma outra possibilidade de estudos históricos se abre ao desvelar as notícias publicadas correntemente ao período em tela, por meio da produção intelectual feminina (Lopes, 2009).

Para uma revisão historiográfica do que se produziu no campo da história das mulheres em Portugal, a baliza temporal proporcionada pela Revolução dos Cravos em 1974 representaria uma perspectiva ímpar de investigação (Vaquinhas, 2002). A viragem dos anos 1850\1870 aparece como um período a que se tem poucas fontes para o estudo da história das mulheres, muito embora neste momento haja o despontar dos feminismos. Para o estudo do século XIX, a partir do discurso religioso sobre as

mulheres, existem ainda algumas fontes indiretas (Vaquinhas, 2002). A associação entre feminismos e republicanismos nascentes torna-se uma alternativa de fácil apreensão.

1.3. ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO

Muitos trabalhos acadêmicos já se debruçaram sobre os mosteiros\conventos femininos, nas suas mais diversas áreas disciplinares, desde os escritos historiográficos até os ensaios sociológicos. Em um destes ensaios sociológicos, pode ser encontrada a definição de instituição total, segundo a qual os mosteiros\conventos estariam aí inseridos: “Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (Goffman, 2003, p. 11). Os mosteiros\conventos, por sua vez, não são todos iguais, a observância de uma ordem religiosa ou outra cria diferenças substantivas em seus ideários. Tal fato ajudaria a entender as predileções históricas de algumas classes sociais por tal ordem regular religiosa, em detrimento de outra: “Mais tarde, sobretudo desde meados de Duzentos, começará a implantação dos conventos de Dominicanos e Franciscanos (Clarissas na sua dimensão feminina); neste último caso, as clarissas serão muito mais procuradas pela nobreza do que as domínicas” (Sottomayor-Pizarro, 2015, p. 37).

As atividades desempenhadas pelas monjas\freiras nem sempre foram benquistas. No mundo feudal, de escassez de toda espécie de recursos, muitos trovadores expressaram o seu desapontamento com o recrutamento de mulheres para a vida monástica-conventual. Embora em uma atitude de vassalo perante o senhor Deus, o estranhamento e a desconfiança permitem entender o porquê de determinados trovadores visualizarem o monacato feminino como uma desfeita incompreensível, pois “porquanto Deus, em vez de servir e louvar as donas, as escondia atrás das paredes do

mosteiro não cuidando delas” (Oliveira, 2015, p. 20). Possível explicação para uma posterior descrença trovadoresca.

Outras foram as interpretações feitas por estudiosas\os na atualidade, em relação à importância de mosteiros\conventos para a vida das mulheres. Considerados como “a grande escola” para as mulheres que desejassem uma maior instrução, uma maior consciência de sua feminilidade, por habitarem, ainda que temporariamente, em lugar distante do controle masculino no século (Leal, 2015, p. 16). O isolamento destas mulheres se utilizava de um recurso também comum aos espaços monásticos-conventuais masculinos, o claustro. Palavra, cuja origem auxilia na tarefa de entendimento das práticas religiosas regulares. Força centrípeta da arquitetura monástico-conventual, inicialmente fazia referência a todo o complexo de uso religioso, incluídas as casas e áreas adstritas. “Todavia, na Idade Média o termo começou a aplicar-se mais concretamente ao espaço geralmente quadrangular e porticado, em volta do qual todas as dependências monásticas se foram desenvolvendo” (Borges, 2006, p. 63). Ou seja: “Este conjunto de construções, agrupadas em quadrilátero e unidas entre si pelas naves do claustro é que constituía o mosteiro propriamente dito” (Borges, 2006, p. 64).

As mulheres vocacionadas para as atividades religiosas não se limitariam, tão somente, para mosteiros\conventos. Havia outras formas de vivenciar os sentimentos místicos. Os recolhimentos simbolizavam, pois, algumas destas alternativas. O Recolhimento da Rainha Santa Isabel do Anjo, localizado no Porto, tendo acolhido meninas órfãs, jovens donzelas e mulheres, viúvas e\ou casadas, tinha por princípios a educação e a regeneração baseadas em “estratégias formativas do corpo e da alma”, após um período específico de internamento (Jesus, 2009, p. 67). Possuía alguns objetivos e rotinas pré-estabelecidos: “Para educar e corrigir mulheres, o quotidiano dos recolhimentos organizou-se segundo os modelos conventuais, onde as horas do dia, desde o levantar até ao adormecer, eram ritmadas pelas actividades religiosas. A santidade pessoal era o caminho a seguir por cada recolhida.” (Jesus, 2009, p. 72). Uma outra forma de vivenciar os sentimentos religiosos dizia respeito às beatas. Mulheres que não podiam casar nem fazer parte de um mosteiro\convento, por não encontrar

pretendentes para o matrimônio e não possuir recursos financeiros para o dote exigido nas casas religiosas (Tavares, 2009, p. 89).

As beatas, detentoras da fama pública de santidade, incorriam não raras vezes no descumprimento do sexto mandamento e na adesão de práticas heréticas. Quanto ao domínio do casamento, o posicionamento católico pós-trento “reiterou todos os cânones do matrimônio, defendendo o seu carácter sacramental e repisando o princípio do consenso: é a vontade livremente expressa que cria o vínculo matrimonial”. Trazendo o matrimônio para a esfera pública ao deslegitimar os casamentos clandestinos, através do decreto *Tam etsi*, a Igreja enfatizaria a sua natureza livre e voluntária. Estas características favoreceriam as mulheres, ainda que não houvesse intencionalidade (Mota, 2009, p. 103-104). Mulheres também aparecem como fundadoras de mosteiros\conventos: “Genoveva Maria do Espírito Santo (1732-1821), fundadora não institucional do Real Mosteiro do Desagravo de Vila Pouca da Beira” (Jacquinet, 2015, p. 125). Não somente fundadora, mas também mantenedora: “a Genoveva se deveria não só a iniciativa da fundação do Mosteiro de Vila Pouca, quanto a garantia da sua sustentabilidade material” (Jacquinet, 2015, p. 128)

Muitas monjas\freiras demonstravam a posse de dotes artísticos: “Do mosteiro das Chagas chegaram até nós dois nomes de freiras artistas, que se dedicaram à arte da pintura e da escultura: a irmã Maria dos Anjos e a irmã Maria da Cruz” (Eusébio, 2009, p. 127). Outras, destacaram-se pela escrita de crônicas históricas, testemunhos que ficaram para a posteridade. Os relatos das freiras do Convento de Santa Clara de Vila do Conde acerca das vicissitudes do aqueduto de Santa Clara, da barca de passagem à ponte de pedra sobre o Rio Ave, da epidemia de 1837, da memória da imagem milagrosa da Senhora do Amparo, das notícias sobre as Invasões Francesas e das visitas pastorais do arcebispo D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa (Marques, 2009). Tais relatos constituem “as interessantes informações que as ‘cronistas’ ou simples ‘escrivãs’ do Mosteiro, como elas se designam, nos deixaram” (Marques, 2009, p. 136). Relatos também poéticos como os de autoria de Maria de Mesquita Pimentel, religiosa do Mosteiro de São Bento de Cástris (Conde, 2015).

1.3.1. Escrita monástico-conventual feminina

Nos espaços monástico-conventuais, mulheres também tiveram oportunidades de manter contato com a cultura letrada de sua época. Além do acervo das bibliotecas que aí se encontravam, a escrita das crônicas monásticas por vezes era uma atividade feminina. Assim, explorar o universo de algumas destas crônicas, escritas entre o século XVII e o século XVIII, possibilitaria o entendimento de diferenças estabelecidas entre a oralidade e a cultura letrada para que se perceba que boa parte das crônicas escritas pelas mulheres foram escritas para serem lidas, dada a frequência e participação nos coros. Diferentemente dos homens, o domínio da linguagem escrita representaria para elas mais um instrumento de socialização proporcionado pela leitura em grupos. Espaços de atuação, portanto, distintos para homens e para mulheres (Bellini, 2010).

Nas escritas monástico-conventuais femininas, emergem alguns problemas. O anonimato dos textos, a limitação de edições, a abundância de manuscritos, publicação após a morte da autora, intencionalidade de escrita com finalidades de anácter um determinado mosteiro\convento, e sua respectiva ordem religiosa, de beatificar ou santificar a autora monástico-conventual ou de valorizar os escritos de fundação (Santos, 2015, p. 25). Como exemplo, surge a dificuldade em precisar a autoria do *Sermão do Glorioso Santo Aleixo, escrito pelo singular engenho de uma senhora religiosa do Convento de Nossa Sr.^a da Esperança desta cidade de Lisboa no ano de 1699*. Por se tratar de um sermão escrito por uma religiosa do Convento de Nossa Sr.^a da Esperança, existiriam duas possibilidades de autoria, direcionadas para Soror Maria do Céu e Soror Maria Madalena da Glória (Morujão, 2015, p. 67). A mesma problemática foi verificada no Mosteiro de Jesus de Aveiro: “Não se sabe ao certo a quem coube a tarefa de compor a *Crônica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, mas não resta qualquer espécie de dúvida quanto à sua autoria feminina” (Moiteiro, 2015, p. 39-40). A autoria do *Sermão do Glorioso Santo Aleixo, escrito pelo singular engenho de uma senhora religiosa do Convento de Nossa Sr.^a da Esperança desta cidade de Lisboa*

no ano de 1699, mediante uma análise acurada poderia ser atribuída à Soror Maria do Céu, em função desta desempenhar no momento de escrita do Sermão a função de Mestra de Noviças. Desta forma, a sua escrita revelaria os objetivos de formação destinada para um público feminino e restrito, emoldurada pela basilar escolha hagiográfica (Morujão, 2015, p. 70).

Estudos sobre Soror Maria do Céu e Soror Madalena da Glória permitem visualizar algumas ficções narrativas da literatura barroca, caracterizadas pela alegoria moral, gênero importante que evidencia os caminhos trilhados pela instrução religiosa conventual (Augusto, 2009). A escrita de monjas\freiras geralmente era dubiamente considerada: “Quer no exterior quer no interior dos conventos, coexistem, em suma, duas atitudes de sinal contrário, relativamente ao exercício da escrita por parte das religiosas: o apreço e a desconfiança, a necessidade e a condenação” (Morujão, 2009, p. 62). Seja através dos sermões, das poesias conventuais ou das crônicas fundacionais, a produção de monjas\freiras representa fontes históricas fundamentais para a compreensão de uma determinada época: “Os comentários tecidos nas micro-biografias que proliferam nas crônicas das ordens religiosas apresentam-se significativos da sensibilidade da época à prática literária das religiosas e ainda do sentimento de algumas destas face à sua própria produção” (Morujão, 2009, p. 64).

Elocubrações teológicas também podem ser encontradas nas escritas monástico-conventuais femininas: “Do texto autobiográfico de Joana de Jesus emerge um conceito que se me afigura novo no contexto místico e filosófico: a noção de ânsias amorosas” (Serrado, 2015, p. 50). Tal noção é assim explicada: “as ânsias são um fenómeno teo-erótico, físico e espiritual. Ela não consegue respirar (o ar do mundo), não consegue mover-se, o seu corpo contrai-se. Neste estado, a alma recolhe-se ao estado em que as imagens do mundo desaparecem, e o conhecimento divino se lhe pode revelar” (Serrado, 2015, p. 60). Construções interpretativas várias decorrentes das possibilidades de leituras, que podem ser verificadas pelas marcas nos livros de pertença de religiosas e recolhidas (Campos, 2015, p. 111).

Ao desmistificar as distâncias existentes entre século e clausura no Mosteiro de Santa Clara do Porto, a clausura era uma regra imposta mais aos mosteiros\conventos femininos do que aos mosteiros\conventos masculinos, sobrepondo os votos de pobreza, obediência e humildade. Ao demonstrar, a partir da comparação dos livros de entradas com os livros de saídas, que os grandes intervalos de tempo vivenciados pelas religiosas fora dos mosteiros\conventos, aliados à presença cada vez mais constante de seculares dentro destes espaços, indicariam formas de vida menos marcadas entre os dois campos considerados, o século e a clausura. A educação de meninas também contribuiria para uma vivência regular menos rígida (Fernandes, 1995). Parte das causas que concorreram para o término das atividades do mosteiro de Madre de Deus de Monchique no segundo quartel do século XIX pode ser visualizada no artigo de Maria Eugénia Fernandes. Ao dividir os mosteiros do Porto entre aqueles que tinham uma certa pujança, tais como Santa Clara e São Bento de Avé Maria, e aqueles em franco declínio, como o Mosteiro de Madre de Deus de Monchique, a autora interroga sobre os motivos do desaparecimento deste e descortina a dependência desta instituição em relação à Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, que realizava pagamentos pelo aluguel dos armazéns de Monchique. O Mosteiro de Madre de Deus de Monchique funcionou até agosto de 1834. Possíveis fontes de consulta para o estudo de conventos\mosteiros são encontrados também em livros de registros de noviciados, de profissões e de óbitos, além de escrituras de contrato de dote para entrada no noviciado em conventos femininos (Fernandes, 1993).

1.3.2. Mosteiros\conventos femininos no distrito do Porto no século XIX

Reduto das Revoluções Liberais do século XIX, o Porto enseja uma possibilidade ímpar para o estudo da extinção das ordens religiosas regulares femininas. Entender quais as suas motivações políticas, assim como os reflexos desta medida no cotidiano portuense, significa uma tarefa fundamental para o estudo do século XIX. De acordo com a tabela 1, em 1834 existiam 10 (dez) mosteiros\conventos femininos no

distrito do Porto. Embora as delimitações distritais estivessem ainda em formação, esta foi a terminologia utilizada por Barata (2003). Este autor também pondera a respeito da data de fundação de muitos dos mosteiros\conventos citados, em virtude da ocorrência de segundas ou terceiras fundações, re-fundações.

TABELA 1: MOSTEIROS\CONVENTOS FEMININOS NO DISTRITO DO PORTO EXISTENTES EM 1834

LOCALIDADE	ORDEM RELIGIOSA	INVOCAÇÃO	FUNDAÇÃO	DISTRITO
1. Amarante	Franciscanos	Santa Clara	1226	Porto
2. Arrifana de Sousa (Penafiel)	Conceição de Maria	Nossa Senhora da Conceição	1716	Porto
3. Miragaia	Franciscanos	Madre de Deus	1533	Porto
4. Porto	Bentos (Beneditinos)	Salvador do Vairão	1110	Porto
5. Porto	Bentos (Beneditinos)	São Bento	1518	Porto
6. Porto	Bentos (Beneditinos)	São Bento	1550	Porto
7. Porto	Carmelitas Descalços	São José e Maria	1704	Porto
8. Porto	Franciscanos	Santa Clara	1256	Porto
9. Vila do Conde	Franciscanos	Santa Clara	1317	Porto
10. Vila Nova de Gaia	Dominicanos (Pregadores)	Corpus Christi	1345	Porto

Fonte: BARATA, Paulo J. S. *Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

A partir da tabela 1, também pode-se observar a predominância da ordem franciscana, com 4 (quatro) conventos, e da ordem beneditina, com 3 (três) mosteiros. Juntas elas representam 70% dos mosteiros\conventos considerados. Os 3 (três) mosteiros\conventos restantes dividem-se, respectivamente, entre a ordem dominicana,

a ordem concepcionista e a ordem dos carmelitas descalços. A fundação destas casas religiosas distribuiu-se entre o século XII e o século XVIII.

TABELA 2: RECOLHIMENTOS FEMININOS NO DISTRITO DO PORTO EXISTENTES EM 1834

LOCALIDADE	ORDEM RELIGIOSA	INVOCAÇÃO	FUNDAÇÃO	DISTRITO
1. Porto	Congregação Oliveira	da Nossa Senhora da Conceição	1679	Porto
2. Porto	Congregação Oliveira	da		Porto

Fonte: BARATA, Paulo J. S. *Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

Quanto aos recolhimentos femininos, havia no distrito do Porto 2 (dois) recolhimentos em 1834, conforme pode ser observado na tabela 2. Ambos da ordem religiosa da Congregação da Oliveira, segundo informações de Barata (2003).

1.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os/as estudiosos/as tendem a dividir suas atenções para o cenário oitocentista português, sob os reflexos do liberalismo, ou para as ordens religiosas regulares femininas, e suas práticas de escrita monástico-conventuais. As análises liberais sobre as ordens religiosas regulares femininas são parcamente estudadas, e representa por isto um desafio epistêmico e de tal forma rico.

1.5. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Laurinda. Um parecer da Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramneto Temporal das Ordens Regulares nas vésperas do decreto de 30 de Maio de 1834. In: SILVA, F. Ribeiro da; CRUZ, M. Antonieta; RIBEIRO, J. Martins; OSSWALD, H. *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*. Volume I. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 117-130, 2004.

AUGUSTO, Sara. As histórias de Preciosa, Peregrina e Angélica ou as metamorfoses da alma. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 31-48, 2009.

AZEVEDO, Joaquim; RAMOS, José. Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910. *Lusitânia Sacra*. II Série, tomo 3, Lisboa, pp. 215-264, 1991.

BARATA, Paulo J. S. *Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

BARATA, Paulo J. S. As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer. *Lusitânia Sacra*. II Série, tomo 24, Lisboa, pp. 125-152, 2011.

BELLINI, Lígia. Cultura escrita, oralidade e gênero em conventos portugueses (séculos XVII e XVIII). *Tempo (online)*. vol. 15, n. 29, pp. 211-233, 2010.

BORGES, Nelson Correia. Arquitectura de Cister na Época Moderna. O *claustro*: força centrípeta nos espaços da vida comunitária. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *As Beiras e a presença de Cister: Espaços, Património edificado, Espiritualidade – Actas do I Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 63-70, 2006.

CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de. Vidas exemplares femininas nas leituras do Convento de Santo Alberto, Lisboa (século XVIII). In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 107-124, 2015.

CARROMEU, Francisco. O romantismo político do padre Marcos (1820-1851). *Lusitânia Sacra*. II Série, tomo 19-20, Lisboa, pp. 15-40, 2007-2008.

CONDE, Antónia Fialho. Expressões de religiosidade e misticismo no *jardim fresco e ameno* de S. Bento de Cástris. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 91-106, 2015.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. A “monacofobia” ao tempo do Liberalismo e a situação dos egessos beneditinos. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.).

Perspectivas do Portugal Contemporâneo: as ordens religiosas, da extinção à herança – Actas do II Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões. Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 53-72, 2007.

EUSÉBIO, Maria de Fátima. Freiras artistas no Mosteiro das Chagas de Lamego. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.* Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 121-132, 2009.

FERNANDES, Maria Eugénia Matos. Os últimos dias de Monchique. *Revista da Faculdade de Letras.* II Série, Volume X, Porto, pp. 245-270, 1993.

FERNANDES, Maria Eugénia Matos. Século e clausura no Mosteiro de Santa Clara do Porto. *Revista de História – Centro de História da Universidade do Porto.* Volume XIII. Porto, pp. 139-177, 1995.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos.* 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

JACQUINET, Maria Luísa. Vozes femininas na génese de institutos regulares: Genoveva Maria do Espírito Santo (1732-1821) e o Mosteiro de Vila Pouca da Beira. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI).* Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 125-138, 2015.

JESUS, Elisabete. *Corpus et anima: a educação das recolhidas de Santa Isabel do Anjo (Porto, sécs. XVII e XVIII).* In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.* Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 67-83, 2009.

LEAL, Ivone de Freitas. As mulheres na vida religiosa portuguesa: fontes, itinerários e problemáticas. In: FONTES, João Luís, ANDRADE, Maria Filomena, MARQUES, Tiago Pires (coords.). *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI).* Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 11-21, 2015.

LOPES, Ana Maria Costa. Ousar lutar, ousar vencer. A imprensa periódica oitocentista como motor da promoção intelectual feminina. *Comunicação e Cultura*, no 7, pp. 39-48, 2009.

LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha. *O Livro e a Leitura no Porto no Século XVIII.* Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão\Fundação Engº António de Almeida, 1994.

MARQUES, João Francisco. O itinerário do egresso agostinho Fr. José da Sacra Família e a sua actuação contra-revolucionária no exílio. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Perspectivas do Portugal Contemporâneo: as ordens religiosas, da extinção à herança – Actas do II Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões.*

Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 73-81, 2007.

MARQUES, José. O mundo visto do “convento”: crônicas e memórias de freiras de Santa Clara de Vila do Conde, dos séculos XVIII e XIX. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 133-164, 2009.

MOITEIRO, Gilberto Coralejo. Texto e experiência religiosa feminina: estratégias discursivas hagiográficas no seio da observância dominicana portuguesa. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 31-48, 2015.

MORUJÃO, Isabel. Sinais de fogo. Entre a voz e o silêncio: literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 51-66, 2009.

MORUJÃO, Isabel. Uma tipologia de quase silêncio. Um sermão de clarissa: texto e contexto. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 63-89, 2015.

MOTA, Guilhermina. A Igreja, a Mulher e o Casamento no século XVIII. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 103-118, 2009.

OLIVEIRA, António Resende. O trovador e o monge. A ordem de Cister na canção trovadoresca galego-portuguesa. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes; OSSWALD, Helena (coords.). *Ao encontro de Histórias e Patrimónios Monásticos – Livro do X Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 13-26, 2015.

PINHEIRO, Susana Marta Delgado. Religião, sociedade e vintismo no jornal *Astro da Lusitânia*. *Lusitânia Sacra*. II Série, tomo 16, Lisboa, pp. 345-358, 2004.

RAMOS, Luís A. de Oliveira. A extinção das Ordens Religiosas: antecedentes e consequências. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Perspectivas do Portugal Contemporâneo: as ordens religiosas, da extinção à herança – Actas do II Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 35-40, 2007.

RODRIGUES, Henrique. Extinção das ordens religiosas e dinâmicas sócio-culturais: frades residentes no Alto Minho no século XIX. *Lusitania Sacra*. II Série, tomo 16, Lisboa, pp. 13-42, 2004.

SANTOS, Zulmira C. Escrita conventual feminina: um “arquipélago submerso”. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 23-29, 2015.

SERRADO, Joana. Joana de Jesus (1617-1681): ânsias amorosas e leituras bíblicas. In: FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.). *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa\Universidade Católica Portuguesa, pp. 49-62, 2015.

SOTTOMAYOR-PIZARRO, José Augusto de. Monjas e Filhas d’Algo. A aristocratização do monacato feminino (Sécs. XII-XIV). In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes; OSSWALD, Helena (coords.). *Ao encontro de Histórias e Patrimónios Monásticos – Livro do X Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 27-38, 2015.

TAVARES, Pedro Vilas Boas. Beatas e santidade: os difíceis caminhos da afirmação feminina na sociedade portuguesa de Antigo Regime. In: MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.). *Mulher, Espírito e Norma – Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões: São Cristóvão de Lafões, pp. 87-102, 2009.

VAQUINHAS, Irene. Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço. *Revista da Faculdade de Letras – História*. Porto, III Série, vol. 3, pp. 201-221, 2002.

VILLARES, Artur. As ordens religiosas em Portugal nos princípios do século XX. *Revista de História*, vol. 13, pp. 195-223, 1995.